

## LEPRA CONJUGAL

Estudo epidemiológico dos casos observados no Dispensário  
do D. P. L. em Campinas, S. P. (1934-1954)

REINALDO QUAGLIATO\*

Assunto muito controvertido na epidemiologia da lepra, o contágio conjugal é estudado por muitos AA. como sendo pouco freqüente.

Trabalhando há cerca de 15 anos em Dispensário, onde ao lado do tratamento de doentes e de outras funções próprias dêsse tipo de unidade sanitária, devemos fazer a vigilância dos focos através dos exames dos comunicantes, somos freqüentemente surpreendidos com as manifestações da moléstia em marido ou esposa de enfermos.

Tendo o arquivo do Ambulatório de Campinas completado em 1954, vinte anos de funcionamento, tivemos oportunidade de fazer um levantamento entre os comunicantes examinados naqueles lustros<sup>6</sup> (7.062) que nos mostrou 500 casos da moléstia, com a seguinte distribuição:

### QUADRO N.º 1

---

Comunicantes examinados (uma ou mais vezes) 24-8-34 a 31-12-54

---

7.062

Comunicantes doentes .....	500	— 7%
1.º Filhos de doentes .....	206	— 40%
2.º Irmãos de doentes .....	121	— 24%
3.º Cônjuges de doentes .....	50	— 10%
4.º Pais de doentes .....	36	— 5%
5.º Outros .....	87	— 21%
Total .....	500	

---

\* Médico do Ambulatório de Campinas.

Trabalho apresentado à Sociedade Paulista de Leprologia, sessão de 17-9-56.

Duarte do Páteo<sup>5</sup> no inquérito que fez, na Secção Central de Comunicantes do D. P. L., apresentado à II Conferência Panamericana de Lepra, mostrou as seguintes percentagens:

## QUADRO N.º 2

Comunicantes doentes (Secção Central do D. P. L. de 1924 a 1945)	
1.905	
1.º Filhos de doentes .....	814 — 42,20%
2.º Irmãos de doentes .....	521 — 27,34%
3.º Cônjuges de doentes .....	269 — 14,12%
4.º Pais de doentes .....	155 — 7,74%
5.º Outros .....	146 — 7,60%
Total .....	1905

Feito o cálculo das percentagens, apenas considerando-se o total de comunicantes enfermos, o grupo de cônjuges doentes ocupa o 3.º lugar, tanto no quadro do Dispensário de Campinas, como no trabalho de Páteo. Há contudo uma incidência maior nos 4 primeiros grupos de Páteo, à custa de todos os outros parentes cuja percentagem é apenas 7,6% em vez de 21% como em nosso estudo. Tanto aquele A. como nós mesmos estranhámos a percentual mais ou menos baixa dos cônjuges, frente aos outros comunicantes doentes, posto que o convívio entre os casais, naturalmente, seria o mais íntimo possível. Páteo organizou, em seu trabalho, um quadro com os resultados de vários autores, estrangeiros e nacionais, que se ocuparam do assunto, indo da percentagem de 0% de Zambaco, até Mouritz que em Molokai registrara 23,30%.

Entre os nacionais, a menor cifra é dada por Souza Araújo, no Pará, com 1,39%, vindo depois Diniz (Minas Gerais) — 2,78; Valle (São Paulo) — 3,9%; Aleixo (Minas Gerais) — 4%; Souza Araújo e Albuquerque (Rio de Janeiro) — 7,60%; Bechelli — 9,7%; Souza Campos, Bechelli e Rotberg — 11,8%; Páteo e Solano (1936) — 12%; Páteo e Melo Reis (1940) — 12,38%; Páteo e Souza Lima (1928) — 16,2%, e finalmente Páteo (1945) — 14,12%, todos de São Paulo.<sup>5</sup>

Poderíamos incluir os dados de Joir Fonte<sup>4</sup>, que mostraram no Brasil: 42,5% para filhos de doentes, 22% para irmãos e 12% para cônjuges.

Consideremos agora que muitas das estatísticas sobre o problema, foram calcadas até aqui em relação à frequência de contágio existente entre os vários membros familiares e não entre o número de cônjuges expostos à infecção, se bem podermos adiantar que alguns dados do quadro organizado por Páteo, seguiram esse último critério, aliás mais acertado.

Assim Sand, na Noruega (*apud* Jeanselme), fêz um estudo em 512 casais com a propagação em 3%. Os cálculos de Mc Goy e Doodline foram (16,4%) feitos entre as pessoas sadias que viveram em Molokai.

Dentre outras observações que seguiram o critério de relacionar o número de cônjuges que se contagiaram, com o total de cônjuges expostos, lembraríamos: FERNANDEZ<sup>3</sup> em 190 cônjuges de enfermos de lepra, encontrou 38 (20%) com sintomas de enfermidade; BALIÑA, em 105 casais matriculados, nos quais um dos membros era doente contagiante, encontrou 14 cônjuges contagiados. Em 85 casais nos quais o cônjuge enfermo não tinha lepra aberta, não se produziu nenhum caso de contágio. A cifra de contagiados no total de 190 casais dá a percentagem de 7,3%; BECHELLI<sup>1</sup>, investigou 506 casais nas mesmas condições, notando o índice de infecção de 9,7%.

Manipulando o arquivo do nosso Dispensário, entre os 7.062 comunicantes registrados e examinados uma ou mais vezes de 1934 a 1954, fomos verificar a seguinte distribuição pelos vários grupos familiares de doentes.

QUADRO N.º 3

Parentesco	Total de examinados	Tornaram-se doentes	% de prevalência
1.º Filhos	2.064	206	9,9%
2.º Irmãos	1.365	121	8,8%
3.º Cônjuges	639	50	7,8%
4.º Pais	400	36	9,0%
5.º Outros	2.594	87	3,3%
<b>TOTAL:</b>	<b>7.062</b>	<b>500</b>	

Dêsse modo, teríamos uma apreciação mais racional do problema que mostra índice maior da moléstia ainda entre os filhos de doentes (9,9%), vindo em seguida os pais (9%), depois os irmãos (8,8%) e finalmente os cônjuges com 7,8%.

É interessante comparar esses dados com os achados por Fernandez (20%), Baliña (7,3%) e Bechelli (9,7%).

Quanto ao estudo de Baliña, entre os 190 casais verificados, em 85 (44%), o doente era de forma fechada, portanto sem oportunidade para contagiar.

O trabalho do dr. Bechelli foi calcado num interrogatório de 460 doentes do Sanatório Cocais e estudo de mais 46 fichas do D.P.L. É curioso observar que Bechelli obteve uma taxa de prevalência maior que a do Dispensário de Campinas, sabido que os pacientes de lepra, de um modo geral, procuram negar qualquer relação ou parentesco com outros doentes. Sendo 90% dos casos entrevistados no hospital onde são internadas as formas contagiastes, conclui-se que a percentagem de focos lepromatosos estudados por Bechelli, anda por volta daquela cifra.

O inquérito de Fernandez foi feito em determinada época, ao exame de 190 casais, dos quais um dos membros já era doente.

Contudo é interessante notar que, enquanto Fernandez encontrou 20% de casais contagiados, em um único exame, em determinada época, os nossos comunicantes estão sendo observados por períodos variados, havendo mesmo certos grupos deles que estão sob vigilância até há 20 anos e com diversos exames repetidos nesse espaço de tempo. Em trabalho anterior<sup>7</sup>, chamamos a atenção para o fato, aliás lógico, de que os grupos de comunicantes com maior tempo de "follow-up" eram os que ofereciam o número mais alto de enfêrmos. Isso representaria que estando os nossos contatos com largo tempo de observação e tendo sido reexaminados várias vêzes, o número de doentes entre êles teria que ser maior do que o encontrado entre os comunicantes examinados numa única vez. A explicação para o fato seria que os cônjuges, estudados por Fernandez, teriam maior percentagem de focos bacilíferos, oferecendo maiores oportunidades de contágio. No trabalho de Fernandez, entre os casais estudados, havia 115 lepromatosos (60%) com 24 cônjuges contagiados (20%) e 75 focos tuberculóides com outros 14 membros do casal que vieram a apresentar sinais de M. de H. (18,6%).

De acôrdo com essas porcentagens aproximadas, é de se esperar que os focos bacilíferos de Fernandez não seriam apenas os 60% de lepromatosos, mas sim um número muito maior.

O estudo dos focos entre os 639 casais observados em 20 anos no Dispensário de Campinas, mostrou a seguinte distribuição:

L	I	T	Sem classificação	TOTAL
438 (67,4%)	76 (11,8%)	105 (16,4%)	20 (4,4%)	639

Todos os 50 cônjuges contagiados, provinham dos focos lepromatosos. A maior cifra de contaminados, no trabalho de Fernandez (20%) e no de Bechelli (9,7%), constatada ao exame dos casais, em determinada época, seria pois explicada pela taxa mais alta de focos bacilíferos responsáveis.

Outras considerações muito importantes a serem feitas com referência à nossa amostragem, residem no fato de que grande número dos contatos do Dispensário de Campinas, não está com seus exames em dia. Se muitos dêles fizeram vários exames e continuam a fazê-los, a maior parte assim não procede, não obstante todo o esforço e sacrifício empenhados em nossa função. O balanço para essa verificação mostrou:

QUADRO N.º 4

Comunicantes doentes	Idem examinados	Idem com exames em dia (2 anos)
1.º Cônjuges	50 (7,8%)	639
2.º Filhos	206 (9,9%)	483 (23%) *
3.º Pais	36 (9,0%)	2064
4.º Irmãos	121 (8,8%)	400
5.º Outros	87 (3,3%)	1365
TOTAL:	500	2594

Pela análise do quadro n.º 4 vemos que os cônjuges ocupam o 4.º lugar com 7,8% de morbidade, mas com 30% de comunicantes controlados. O 1º colocado é o grupo dos filhos de doentes, com o índice de contágio igual a 9,9% e 23% de comunicantes em dia. O 2º grupo seria dos pais de doentes, com 9% de contágio e 25% de controlados e o 3º lugar é ocupado pelos irmãos de pacientes, com 8,8% de contaminados e 16% de exames regulares.

Seria lógico esperar-se, caso tivéssemos os 30% de controlados entre os irmãos de doentes (em vez de 16%), que a taxa da moléstia se elevasse, possivelmente para um número maior do que qualquer dos grupos considerados.

Os filhos de doentes com 25% de controlados já apresentam o índice de 9,9% de contaminados, portanto maior que a taxa dos pais (9% de doentes com 25% de controlados) e dos cônjuges (8,8% de contagiados, com 30% sob o controle regular).

De acôrdo com êsse raciocínio lógico, teríamos então o quadro n.º 5, que nos forneceria a prevalência nos diferentes grupos, pela ordem de freqüência da moléstia:

\* Exigindo-se o exame para a visita aos Sanatórios, compreende-se o motor número de cônjuges controlados, pois que estes, naturalmente, teriam um interesse mais pronunciado pelos seus enfermos hospitalizados.

## QUADRO N.º 5

1.º Irmãos de doentes	8,8% de contagiados com 16% de controlados
2.º Filhos de doentes	9,9% de contagiados com 23% de controlados
3.º Pais de doentes	9,0% de contagiados com 25% de controlados
4.º Cônjuges	7,8% de contagiados com 30% de controlados

Aqui se nos depara um interessante aspecto do problema. De acôrdo com Souza Campos, Bechelli e Rotberg<sup>2</sup>, um foco familiar de contágio depende de três fatores: 1.º — poder infetante do enfermo (já estudado nos capítulos anteriores); 2.º — grau de resistência à infecção leprosa (poderia ser medida pela reação Mitsuda) e 3.º — grau de convivência (provavelmente maior entre os esposos). Quanto ao grau de resistência, a maioria dos AA. chama a atenção para a maior disposição das crianças frente ao contágio e as conclusões a que chegamos mostraram realmente entre os mais infetados, irmãos e filhos de doentes, naturalmente com grande número de menores.

As verificações de Páteo<sup>2</sup>, mostram a percentagem 52,44% de contaminações até 18 anos nos homens e 21 nas mulheres. A proporção na população sadia no Estado de São Paulo, pelo censo de 1950, mostrou 48,38% de pessoas até 19 anos, portanto uma cifra aproximada à dos doentes de Páteo. No mesmo estudo, que ora procedemos sôbre os 500 comunicantes de Campinas que apresentaram sinais da moléstia, fizemos a verificação da época do aparecimento da moléstia, em 76 dêles que estavam com os exames em dia e cujas manifestações aproximavam-se da data do fichamento.

Até 20 anos de idade tivemos 29% de casos.

Os esposos, òbviamente, seriam sempre adultos e teriam o convívio mais íntimo possível. Aqui deveríamos considerar o "tempo de convivência" que foi computado nos quadros 5 e 6, mas não pudemos apurar para os demais parentes de doentes, a fim de organizar o que os AA. filipinos<sup>8</sup> chamam de "life table", o que permitiria um estudo epidemiológico quase perfeito.

Todavia, é justo concluir-se que o tempo de convivência entre os irmãos, filhos e pais de doentes seria na maioria das vezes maior que entre os cônjuges estudados, posto que êstes só se encontraram para a vida em comum, na idade adulta.

## II — Sexo e tipo da moléstia entre os cônjuges contaminados

## QUADRO N.º 6

Tipo da moléstia entre os cônjuges estudados				
Comunicantes contagiados	Tipo da moléstia			Total
	L	I	T	
Espôsas	10 (41%)	3	11 (46%)	24 (48%)
Maridos	9 (37%)	6	11 (44%)	26 (52%)
	19 (38%)	9 (18%)	22 (44%)	50

O trabalho de Páteo mostrou 58% de mulheres contaminadas, para 42% de maridos.

Quanto ao tipo da moléstia, Páteo verificou 66 casos tuberculóides em 269 (57% nas mulheres) não fazendo referência sôbre a distribuição de lepromatosos nos dois sexos, separadamente.

Dos 190 casais estudados por Fernandez, havia 65,7% de maridos contagiados.

Dos nossos 50 cônjuges contaminados, tínhamos 20 com reexames feitos regularmente (14 maridos e 6 espôsas), onde talvez pudéssemos apreciar melhor a distribuição dos vários tipos da moléstia.

QUADRO N.º 7

	L	I	T	Total
Maridos	1 (7,1%)	4	9 (64%)	14
Espôsas	2 (33%)	0	4 (66%)	6

Nesse quadro, como no anterior, as mulheres apresentam uma percentagem ligeiramente mais elevada de tuberculóides, mas em compensação a taxa de lepromatosos é superior à dos esposos.

Pela nossa amostra conclui-se pois que as mulheres de doentes não oferecem uma resistência especial frente ao contágio, comportando-se aproximadamente como os maridos nas mesmas condições.

O cômputo global entre os nossos 600 comunicantes contaminados de 1934 a 1954, mostra aproximadamente 40% de mulheres, para 60% de homens.

QUADRO N.º 8

Quanto ao tipo da moléstia

Mulheres	108 54,9%	40 20%	55 26%	203 40%
Homens	165 55%	71 24%	61 21%	293 60%
Total	273 54,6%	111 22,2%	116 23,2%	500

Entre os cônjuges que se contagiaram, houve maior percentagem de casos tuberculóides, à custa principalmente da diminuição dos lepromatosos. Isso talvez corra por conta da maior percentagem de cônjuges contagiados que estavam com os exames em dia (40%), ao passo que entre o total dos 500 comunicantes doentes só tinham os exames em dia 15% dos casos. (Contágio familiar da lepras).

### III — Tempo de convivência

O tempo de convívio dos 50 casos que apresentaram sinais da moléstia, no decurso de sua vida conjugal, foi o seguinte:

QUADRO N.º 9

Tempo de convívio

	Até 5	De 6 a 10	De 11 a 15	De 16 a 20	Mais de 20	Total
Marido de doente	3	10	2	8	3	26
Espôsa de doente	5	4	6	4	5	24
Total	8	14 (28%)	8	12	8	50

Englobadamente (homens e mulheres), o maior número de cônjuges contagiados tinha de 6 a 10 anos de casados, porém considerando-se as espôsas separadamente, o maior número de contaminados ocorreu no grupo de 11 a 15 anos de matrimônio.

Na observação de Bechelli, também êsse grupo foi que apresentou o mais alto número de doentes, se bem que numa proporção muito maior que a nossa (57%). A investigação de Páteo mostrou, da mesma forma, que foi êsse o tempo de preferência, 26,75% dos casos.

Todavia, justo é considerar que na maioria das vêzes o cônjuge contaminante não estaria ainda com a moléstia por ocasião dos esposais e só mais tarde ela teria se manifestado.

Pelo estudo de ambas as fichas epidemiológicas, tanto do infetante como do infetado, podemos organizar o seguinte quadro, que obviamente não poderia ser estimado como rigorosamente exato, mas sempre seria mais acertado para a estimativa do tempo de incubação no cônjuge contaminado:

QUADRO N.º 10

---

**Tempo de convívio após a manifestação da moléstia no cônjuge infetante**

---

	até 3 anos	de 4 a 5	de 6 a 10	TOTAL
Maridos contagiados	12	13	1	26
Espôsas contagiadas	10	12	2	24
<b>Total :</b>	<b>22</b>	<b>25</b>	<b>3</b>	<b>50</b>

---

Aqui, a maior média para a manifestação da moléstia, foi dada pelo grupo de 4 a 5 anos de convivência, com 50% dos casos. Os períodos de 1 a 5 anos somou o total de 47 dos casos, havendo só 3 com aparecimento da moléstia depois de 6 anos.

Esses dados parecem estar de acôrdo com a opinião de grande parte dos trabalhos dessa natureza, que dão a maior média para o tempo de incubação até 5 anos.

Seria interessante, como já frizamos, procurar-se estabelecer o tempo de convivência também entre os demais parentes, a fim de que se pudesse organizar um estudo estatístico mais perfeito, ao modo do método "life table" dos autores filipinos<sup>8</sup>.

Infelizmente não pudemos conseguir uma apuração satisfatória nesse sentido.

.....

*Resumo e Conclusões*

O A. procura estabelecer a prevalência do M. H. entre os cônjuges de doentes observados no Dispensário Regional do D.P.L., em Campinas (São Paulo), de 1934 a 1954, verificando em 50 comunicantes que se tornaram doentes, 50 cônjuges contaminados (10%).

Uma apreciação mais racional, considerando o número de expostos, bem como a percentagem dos que estavam com seus exames regulares, mostrou o seguinte:

Comunicantes	Total de examinados	Tornaram-se doentes	Com exames regulares
1.º Irmãos de doentes	1.365	121 (8,8%)	16%
2.º Filhos de doentes	2.064	206 (9,9%)	23%
3.º Pais de doentes	400	36 (9%)	25%
4.º Cônjuges de doentes	639	50 (7,8%)	30%

Tôdas essas taxas, naturalmente, seriam maiores caso houvesse 100% dos comunicantes controlados (exames anuais).

A prevalência da moléstia entre os cônjuges de doentes ocupa o 4.º lugar, com 7,8% de contagiados e 30% de controlados regularmente.

A menor prevalência entre os pais e cônjuges de doentes deve correr por conta de serem essas pessoas sempre adultas.

Entre 50 cônjuges contagiados, 48% eram mulheres e 52% homens. Quanto ao tipo da moléstia, as mulheres apresentaram 41% de L e 46% de T e os homens 37% de L e 44% de T.

Todos os cônjuges contagiados vieram do foco L.

O tempo de casamento dá 16% até 5 anos e os restantes até mais de 20 anos, e o tempo de incubação da moléstia foi calculado aproximadamente como sendo 94% até 5 anos e 6% com mais de 5 anos.

Os focos referentes aos 639 cônjuges examinados eram:

L — 67,4%  
I — 11,8%  
T — 16,4%

#### Summary

The prevalence of conjugal leprosy was studied in the records of the dispensary of Campinas (S. Paulo) from 1934 to 1954, showing 50 mates among 500 contaminated contacts.

This is 7.8% of 639 mates under control to be compared with 8.8% of contaminations among 1.365 brethren, 9.9% among 2.064 children and 9% among 420 parents. 30% of the mates have been examined regularly (at least once yearly) against 16%, 23% and 25% of brethren, children and parents respectively. Of the 50 contaminated mates 52% were males. Among the wives there were 41% L and 46% T cases, against 37% and 44% among husbands. Duration of marriage was up to 10 years in 44%, incubation period up to 5 years in approximately 94%.

.....

#### Agradecimentos

Com agradecimentos ao sr. Lucente de Lucente, prestimoso auxiliar do Ambulatório de Campinas, que colaborou na apuração dos dados, bem como aos drs. Luís M. Bechelli e Abrão Rotberg, mestres e amigos, cujos conselhos facilitaram nossa tarefa.

LEPRA CONJUGAL  
DISPENSÁRIO DE CAMPINAS  
(1934-1954)

Comunicantes-Doentes - n. de contagiados		Total de Examinados	índice de Contágio	Exames Regulares	Graus Prev.	Focos %
1.º Filhos	206 — 40%	2.064	9,9%	483 — 23%	2.º	L I
2.º Irmãos	121 — 24%	1.365	8,8%	220 — 16%	1.º	67,4 — 11,8 — 1
3.º Cônjuges	50 — 10%	639	7,8%	194 — 30%	4.º	
4.º Pais	36 — 5%	400	9,0%	100 — 25%	3.º	
5.º Outros	87 — 21%	2.594	3,3%			
	<u>500</u>	<u>7.062</u>				

	TIPO				CONVIVÊNCIA					ANOS INCUBAÇÃO		
	L	I	T	Total	até 5	6 a 10	11 a 15	16 a 20	mais de 20	até 3	4 a 5	6 a 10
Maridos	9 (37%)	6	11 (44%)	26 (52%)	3	10	2	8	3	12	13	1
Espósas	10 (41%)	3	11 (46%)	24 (48%)	5	4	6	4	5	10	12	2
CASOS	19 (38%)	9 (18%)	22 (44%)	50	8	14 (28%)	8	12	8	22	25	3

## BIBLIOGRAFIA

1. — BECHELLI, L. M. — Contágio conjugal na lepra. Rev. Brasil. Leprol. 1936:4 (N.º Esp.) 349.
2. — CAMPOS, N. S., BECHELLI, L. M. & ROTBERG, A. — Tratado de Leprologia. Epidemiologia e Profilaxia. Capítulo 13 — Propagação no meio familiar. Rio de Janeiro, Serv. Nac. Lepra, 1944, p. 274.
3. — FERNANDEZ, J. M. — Resultados del examen de pinos y conyuges convivientes con enfermos de lepra. Arq. Serv. Nac. Lepra, 1946:4 (2) 44.
4. — FONTE, J. M. — Aspectos estatístico-epidemiológicos da lepra, nos filhos de leprosos. Conf. Panamer. Lepra (II — Rio de Janeiro), Arq. Serv. Nac. Lepra, 1946:4 (2) 81.
5. — PÁTEO JÚNIOR, J. D. — Estudo epidemiológico da lepra nos focos familiares. Conf. Panamer. Lepra (II — Rio de Janeiro), Arq. Serv. Nac. Lepra, 1946:4 (2) 37.
6. — QUAGLIATO, R. — Contágio familiar da lepra entre os comunicantes da I. R. de Campinas. Importância dos exames periódicos para o despistamento dos casos indiferenciados. Vinte anos de observação (1934-1954). Sessão da Soc. Paulista Leprol. em 19-3-1956.
7. — QUAGLIATO, R. — Incidência da lepra entre os comunicantes de Campinas. Rev. Brasil. Leprol. 1953:21 (2) 133.
8. — RODRIGUEZ, J. N. & GUINTO, R. S. — Results of the Cordova (Cebu) leprosy survey in Philippines. Conf. Panamer. Lepra (II — Rio de Janeiro), Arq. Serv. Nac. Lepra, 1946:4 (2) 66.
9. — SANCHEZ COVISA, J. — Contagiosidad de la lepra. Semana de la lepra, Caracas, Junta a Favor de los Leprosos de Venezuela, 1941, p. 41.

NOVO TRATAMENTO DO

VITILIGO

MELADININE

Solução — Comprimidos

Laboratório Sintético Ltda.

Rua Tamandaré, 777 — Telefone 36-4572 — São Paulo